

A CARÊNCIA DE FIGURA MASCULINA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Luan Adriano Silva
Sandra Maria Bezerra da Silva
Universidade Santa Cecília
luansilvaprof92@gmail.com

RESUMO

Este artigo tem por objetivo compreender, através de revisão bibliográfica, as causas da escassez de pedagogos do gênero masculino no mercado de trabalho. Por meio de uma análise histórica da relação entre a figura feminina e o cuidado com a criança, buscamos entender como se instaurou a predominância feminina nos primeiros anos da educação básica. Outro ponto abordado são os preconceitos existentes em relação ao homem como pedagogo, desde o medo relacionado à abusos até a ideia de uma "incapacidade" masculina com os cuidados necessários à profissão. Por fim, observamos as contribuições que a figura masculina tem a oferecer ao ambiente escolar, sobretudo, a representatividade junto aos meninos.

Palavras-chave: Pedagogo. Masculino. Educação. Representatividade.

THE LACK OF MALE FIGURE IN THE EARLY YEARS OF ELEMENTARY SCHOOL

ABSTRACT

This article aims to understand, through a literature review, the causes of the shortage of male pedagogues in the labor market. Through a historical analysis of the relationship between the female figure and child care, we seek to understand how female predominance was established in the early years of basic education. Another point addressed are the existing prejudices in relation to men as educators, from the fear related to abuse to the idea of a male "inability" to provide the necessary care for the profession. Finally, we observe the contributions that the male figure has to offer to the school environment, above all, the representation with boys.

Keywords: Pedagogue. Masculine. Education. Representativeness.

Introdução

Durante uma de minhas experiências de estágio, os alunos do 3º ano do Ensino Fundamental, principalmente meninos, vinham questionando o porquê de não terem auxiliares de classe homens e começaram a pedir por um "auxilior", como eles mesmos chamavam.

O fato do questionamento partir diretamente dos alunos nos traz as seguintes reflexões: os alunos sentirem falta de uma figura masculina em sala de aula, revela uma questão de representatividade até então não abordada? E principalmente, por que a figura masculina ainda é tão escassa na pedagogia?

A presença masculina na pedagogia ainda é mal vista por grande parte das pessoas, mas como se originou a resistência ao homem como pedagogo e por que ela se mantém até hoje? Como isso pode ser mudado?

Objetivo Geral

- Investigar as possíveis causas da escassez de profissionais do gênero masculino na pedagogia e a baixa procura.

1. O FEMININO E O CUIDADO

A educação no Brasil teve início com as missões jesuítas, que duraram de 1549 a 1759. Estas missões tinham por objetivo catequizar as populações nativas e garantir a educação aos colonos vindos de Portugal, principalmente aos homens de famílias mais abastadas. As mulheres, por sua vez, raramente tinham acesso à essa educação, tendo sua aprendizagem limitada apenas às funções domésticas ou à vida religiosa: No período colonial, as mulheres tiveram esse acesso restrito ou nulo à escolarização, podendo em alguns casos estudar em casa, com preceptores, ou em alguns conventos visando a vida religiosa. (LEÃO, 2015, p.47).

A partir das Reformas Pombalinas e a expulsão dos padres jesuítas (1759), lentamente as mulheres começaram a ter mais acesso à educação, mas ainda de forma muito limitada, focando em prepará-las para a vida doméstica. Nesse período, não era permitido à homens e mulheres estudarem juntos e cada um só poderia ser

ensinado por professores do mesmo sexo, o que proporcionou o ingresso de mulheres na área do ensino.

Com a gradual entrada das mulheres no magistério e a demanda cada vez maior por homens nos meios de produção, pouco a pouco, a educação das crianças começou a ser associada às características socialmente vistas como femininas, principalmente o cuidado. Essa associação, somada à baixa remuneração e o pouco reconhecimento, fizeram com que os homens se afastassem cada vez mais do magistério, buscando outras áreas de atuação mais rentáveis. No Brasil, com o advento da República, um novo ideário político se apresentou, no qual a necessidade de educação e moralização da população despontou como condição de promoção do progresso. (LEÃO, 2015, p.48).

A partir de então, observamos que as mulheres se tornam maioria no magistério e conforme a sociedade se habitua com a presença da mulher nesse espaço, surgem os preconceitos relacionados à presença do homem na educação.

2. OS PRECONCEITOS

Quando um homem decide seguir a profissão de pedagogo, ele é bombardeado por discursos carregados de preconceitos que buscam dissuadi-lo de investir nessa carreira.

Podemos enumerar diversos preconceitos relacionados à atuação do homem como pedagogo e um dos principais é a ideia de que *o cuidado é uma exclusividade das mulheres e que, portanto, a pedagogia não é lugar para homem*. Vimos anteriormente o quanto esse pensamento vem sendo construído e reforçado no decorrer do tempo, não apenas na mentalidade masculina, mas em toda a sociedade, diminuindo a busca de homens pela docência.

Esse comportamento social prejudica não apenas aqueles que são levados a desistir da pedagogia, mas também aqueles que optam por seguir em frente.

Além de ter que comprovar sua eficiência como professores, muitas vezes os homens enfrentam ainda mais dificuldades quando decidem

exercer a docência, porque a partir do momento em que eles ingressam na escola, parece haver um investimento para que esses se desloquem da docência para cargos administrativos. (ZANETTI e DAL'IGNA, 2018, p.136)

Como ZANETTI e DAL'IGNA (2018) afirmam, quando um homem opta por trabalhar com a educação, ele é incentivado a buscar cargos administrativos ou até mesmo a se tornarem professores especialistas, funções que têm algo em comum: *um contato menor com as crianças.*

Segundo SANTOS e CASTRO (2015) constata-se em sua pesquisa, as desconfiças relacionadas à possibilidade de um abuso por parte do homem, faz com que o mesmo viva constantemente em um estado de desconforto e vigilância em relação às suas próprias ações no trato com as crianças, sempre buscando evitar más interpretações.

Assim, essa norma de gênero muitas vezes coloca em xeque algumas identidades, nesse caso, a identidade do homem professor que ingressa na escola para trabalhar na Educação Infantil, ou nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Utilizando justificativas pejorativas, as colegas colocam em dúvida a sexualidade do professor, mostrando que ele não está respeitando a norma – o que é de homem e/ou o que é de mulher. Nesse ambiente escolar, o homem deve corresponder a determinadas expectativas para não ser chamado de homossexual, pedófilo ou louco. (ZANETTI e DAL'IGNA, 2018, p.134)

Outro preconceito encontrado pelos homens na educação ocorre quando as pessoas pressupõem que o homem que ingressa em uma profissão majoritariamente feminina como essa, deva ser, necessariamente, homossexual, como se a orientação sexual de um indivíduo interferisse na capacidade do mesmo de cuidar de uma criança.

3. REPRESENTATIVIDADE

Quando pensamos em um ambiente escolar, são raras as figuras masculinas que nos vêm à mente, e esses poucos indivíduos geralmente são professores de educação física ou de outra disciplina específica, mas dificilmente imaginamos um

homem exercendo um papel que exija tanto cuidado como é o caso da pedagogia. Isso nos mostra o quão ausente a figura masculina ainda se encontra na educação.

A presença masculina no ambiente escolar, pode ser muito mais relevante na vida das crianças do que imaginamos. Através desse contato as noções de masculinidade podem ser ressignificadas, mostrando-os, de forma prática, que homens e mulheres podem exercer as mesmas funções, no mesmo ambiente, colaborando entre si.

Os familiares, amigos e, principalmente, os professores são marcantes quanto à influência profissional, de modo a caracterizar-se como um caminho a seguir, a partir dos exemplos, conselhos e práticas. Os professores, nesse sentido, são tidos como referência, logo devem refletir suas práticas pedagógicas, já que podem influenciar os alunos tanto com aspectos positivos, quanto negativos. (LEÃO, 2015, p.76)

Quando um aluno, do sexo masculino, se habitua com a figura masculina como alguém que pode cuidar e ensinar, não terá dificuldades de se enxergar ocupando esse mesmo espaço, pois um predecessor lhe mostrou o caminho.

Quanto mais referenciais masculinos no ambiente escolar as crianças tiverem, maiores serão as chances de que busquem o magistério.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos, portanto, que a escassez de homens na pedagogia se dá pela prática social de delegar os cuidados com a criança exclusivamente à mulher, eximindo os homens dessa responsabilidade e alimentando preconceitos relacionados ao mesmo como pedagogo.

Vemos que a baixa procura também se dá pela falta de reflexão sobre o tema, tanto no meio acadêmico quanto no cotidiano, pois o assunto ainda gera muito estranhamento.

Por fim, concluímos que este cenário só poderá ser alterado através de uma maior reflexão sobre o papel do homem na educação e as contribuições que o mesmo pode trazer.

REFERÊNCIAS

LEÃO, Guilherme I. M. **A Importância do Docente do Gênero masculino nos anos iniciais do Ensino Fundamental**. Universidade de Brasília. Brasília, 2015. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/13600/1/2015_%20GuilhermeIn%C3%A1cioMarquesLe%C3%A3o.pdf Acesso em 20 de junho 2021.

SANTOS, Vinícius R.; CASTRO, Roney P. **Pedagogia é lugar de homem? Pensando** em relações de gênero a partir do Curso de Pedagogia da UFJF. Juiz de Fora, 2015. Disponível em: <http://www.sies.uem.br/trabalhos/2015/649.pdf> Acesso em: 18 de junho de 2021.

ZANETTE, Jaime E.; DAL'IGNA, Maria Claudia. **Ser homem” e “ser pedagogo:** relações de gênero nos caminhos da profissionalização. TEXTURA - Revista de Educação e Letras. Universidade Luterana do Brasil, 2018. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/4022> Acesso em: 20 de junho 2021.